

O presente livro faz parte de um percurso que foi iniciado em Novembro de 2018 com a realização – em S. Paulo, Porto e Lisboa – das primeiras Jornadas Internacionais dedicadas a Manuel António Pina. Comemorando o 75º aniversário do poeta, as Jornadas *Desimaginar o Mundo – Manuel António Pina* partilham o nome com o projecto de investigação que as integra e que se prolongará no tempo, abrindo lugares (em espaços físicos e digitais) capazes de convocar, fomentar, acolher e conectar as mais imprevisíveis propostas de leitura (nas mais diversificadas formas de linguagem) da Obra de Manuel António Pina, fazendo-a assim *crescer na multiplicação de legibilidades*.

Desdobrando-se, através de diferentes iniciativas, entre as cidades de São Paulo, Porto e Lisboa, as Jornadas *Desimaginar o Mundo – Manuel António Pina 2018* cumpriram, na circunstância que criaram (nas diferentes datas e nos diferentes lugares onde aconteceram) o seu propósito inaugural: chamar o escritor ao espaço público, ler e dar a ler Manuel António Pina, falar do seu pensamento e da sua escrita, desafiar leitores e artistas a abrir perspectivas de reflexão e a propor leituras da sua obra, em diferentes linguagens, a várias vozes.

Terminado o tempo do seu próprio acontecimento, as Jornadas podem dar lugar à publicação dos livros que, regressando ao que foi feito, recompõem o que fica(rá), agora noutra espaço, noutras circunstâncias, estabelecendo novas relações de convocação e de partilha.

Os livros *Desimaginar o mundo*, *descriá-lo* e *Dos olhos e da matéria* são as duas primeiras publicações destinadas à partilha e disseminação de algumas propostas textuais e artísticas que, de diferentes formas, estabelecem relações de diálogo com a escrita e com o pensamento de Manuel António Pina.

O autor que nos desafia a «desimaginar o mundo» incita-nos a desfazer limites que separem domínios no pensar, a desdizer preceitos e ideias feitas. Porque o «mundo» – o nomeável – é já uma construção do pensamento

humano (com todas as mais contraditórias interpretações de que é capaz). *Desimaginar* toda e qualquer interpretação que se queira impor como realidade única é o caminho de pensamento que Manuel António Pina nos incita a atravessar: «Sem horizonte ou lua, sem vento / nem bandeira» (Pina, 2012, p 231). Face à hipótese de que «já tudo é tudo», o acto de ler uma obra literária não pode senão ser irredutível à dimensão da linguagem verbal. Esta irredutibilidade da leitura à palavra ou ao discurso liberta a própria escrita dos constrangimentos do código linguístico que é o seu.

Fomentar a conexão da linguagem verbal com outras linguagens, outras técnicas, outros olhares – da pintura, da fotografia, do cinema, etc. – que *fa-lem com* ou *a partir das* palavras – ou até *sobre* elas, como um palimpsesto – é já um modo de *ler* Manuel António Pina, um modo de chegar um pouco mais longe (ou um pouco mais perto) na compreensão do que no poema «O livro» se afirma assim: «O que o livro diz é não dito» (Pina, 2012, p. 299).

É o «não-dito» – o que escapa sempre ao interpretado – que todas as palavras procuram; será também, talvez, o «não-dito» o que toda a arte procura, mesmo a que não tem na palavra a sua matéria-prima. O *não-dito* é, indecidivelmente, o que cria a necessidade de uma *forma* e o que essa mesma forma cria. *Desimaginar o mundo* é nunca desistir de escutar o «infallível», impedir o fechamento dos textos e das imagens no definido, no definitivo, *dando* lugar (eis a dádiva!) ao que fica, sempre, a cada vez, *por dizer*, ao que fica, em cada obra, *para ser dito, para ser visto* ou: «para ser escrito». (Pina 2012 p. 95).

Todo o gesto de leitura (e multipliquemos-lhe os sentidos) é já um acto de transformação, isto é, de (re)criação. Uma interpretação é sempre irredutível ao texto (ou à imagem) de que parte e não pode ser tomada, sem desvio, como seu efeito. Interpretar é assumir uma autoria, receber a responsabilidade da proposta, partilhar um olhar ou um ponto de vista, respondendo por ele. Assim se *desimagina o mundo*, mantendo-o criativo.

Manuel António Pina, o escritor que se descreve a si mesmo como «um leitor lendo-se a ler» (Sousa Dias, 2016, p. 61), solicita-nos essa liberdade e esse risco, incitando-nos à experiência e ao prazer de ler *de todas as maneiras!*

### **Bibliografia**

Pina, Manuel António. (2012). *Todas as Palavras – Poesia reunida*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Sousa Dias (Org.) (2016). *Dito em Voz Alta, Entrevistas sobre literatura, isto é, sobre tudo* (2000-2012). Lisboa: Sistema Solar [Documenta].

